

GERALDI, Silvia Maria; LAMBERT, Marisa Martins. Compartilhamentos criativos: das poéticas do corpo à cena contemporânea. Campinas: Unicamp. Unicamp; Professora Doutora (RDIDP). Artista da dança – diretora, criadora e intérprete.

RESUMO

Com o propósito de comunicar experiências em dança compartilhadas pelas autoras, o presente artigo trata de algumas das operações criativas e ideológicas que emergiram durante a produção da obra coreográfica “Ensaio sobre as pequenas distâncias” e de seu atual estado de reprocessamento. Impulsionada pelos estudos antropológicos de Edward Hall e fenomenológicos de Hubert Godard, a pesquisa debruçou-se sobre as formas como corpo físico e corpo social interagem com o espaço e, sobretudo, em que pontos estas questões se interseccionam à pesquisa do movimento dançado. O trabalho busca esclarecer algumas táticas e procedimentos de criação envolvidos na produção de linguagem formalização cênica. São explicitadas ainda novas testagens realizadas com os materiais cênicos previamente produzidos, que vem permitindo o exercício vivo sobre modos de fazer dança e refletir sobre a cena contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: cena contemporânea: criação em dança: corpo/espaço

ABSTRACT

Aiming the communication of experiences in dance shared by the authors, this article addresses some of the creative and ideological processes that emerged during the production of the choreographic work "Rehearsal of small distances" and its present reprocessing state. Stimulated by the anthropological studies of Edward Hall and phenomenological view of Hubert Godard, the research had its focus on the ways in which the physical and the social body interact with the space and especially in which points these issues intersect the research of the dance movement. This work tries to clarify some strategies and creation procedures involved in the production of language and the scenic formalization. Make explicit further testing experiences with scenic materials previously produced, which have been allowing the live exercise on ways of doing dance and reflect about the contemporary scene.

KEYWORDS: contemporary scene: creation in dance: body/space

Um dos traços marcantes da dança contemporânea reside no fato de cada processo criativo ser singular em seus modos de articular corpo e propósito, permanecendo aberto para que o criador possa descobrir tensões e visibilidades imprevistas. Às vezes, uma

única investida mostra-se insuficiente ao artista para extrair, de seu tema de trabalho, a matéria poética (matéria de desejo) tal qual impulso original. Inclusive, a recorrência a objetos de investigação precedentes tem sido operação de especial predileção por parte de inúmeros coreógrafos da atualidade, com intenção contrária a gerar esgotamentos, mas antes criar novas conexões, prolongamentos inusitados, outras vias de passagem de energia. Não se trata somente de renovar processos de criação específicos, mas sobretudo de testar seus limites.

É nesse fluxo que se insere a presente comunicação. Há cerca de um ano, deu-se a estreia da peça coreográfica “Ensaio sobre as pequenas distâncias”⁽¹⁾, idealizada por nós, Marisa Lambert e Silvia Geraldí, para um grupo de quatro intérpretes-criadoras sob nossa direção conjunta. Durante o ano de 2014, instigadas pelo desejo de fermentar ainda mais os estudos e vivências artísticas iniciados no ano anterior, dedicamo-nos – agora somente as duas – a um reprocessamento da pesquisa, já que se mantinham latentes certos questionamentos sobre os possíveis trânsitos entre modos de fazer dança e a temática da relação corpo/espço que animou a proposta original. Deslocando estratégias de produção previamente empregadas, dispusemo-nos a novas testagens dos materiais cênicos e a outros confrontos referenciais em busca de atingir, no território da cena, lugares ainda não tocados no percurso anterior. Para efeito dessa exposição, procuraremos compilar resumidamente aspectos do trabalho de composição – a filosofia de ação e as matrizes de invenção e organização dos materiais cênicos (LOUPPE, 2012) – presentes nos dois momentos diferenciados de construção da obra.

O projeto propulsor da criação de “Ensaio sobre as pequenas distâncias” apoiou-se em nosso interesse comum pela relação corpo/espço. O encontro com o “objeto estrangeiro” se deu a partir de duas referências principais: os estudos antropológicos de Edward T. Hall acerca da percepção e do uso do espaço pelo ser humano dentro do contexto da cultura (HALL, 2005); as pesquisas sobre espaço fenomenológico conduzidas pelo bailarino e educador somático Hubert Godard (MCHOSE, 2006). A esta preocupação matizaram-se indagações acerca dos modos de apreensão da vida urbana contemporânea, enfatizando questões como experiência, corpo e alteridade na cidade e suas relações com o campo da arte (JACQUES, 2013). As teorias de Hall e Godard tornaram-se mais que referências teóricas, motivos inspiratórios ou de justificação ideológica para o ato criativo. Entranharam-se por diferentes camadas do tecido compositivo, enriquecendo técnicas e saberes corporais, renovando ferramentas de pesquisa e invenção, funcionando, enfim, como mais uma peça da complexa rede de engrenagens que constituiu a produção coreográfica.

Sobretudo no primeiro ano, o percurso criativo organizou-se em torno de dinâmicas metodológicas que favoreceram o transitar de pessoas, ideias e experiências. Como procedimento norteador dos seis meses iniciais da pesquisa, constituímos um grupo de trabalho que contou com a colaboração de convidados das áreas da dança e do teatro – espécie de “provocadores” convocados a interferir nas elaborações criativas e alimentá-las com materiais e reflexões. O trabalho dramaturgico e de direção artística ficou a nosso cargo e, muito embora tenha se dado em sistema de partilha, ocupávamos, naquele instante, posições diferenciadas dentro do processo: enquanto uma de nós (Silvia Geraldi) também atuava como intérprete, a outra (Marisa Lambert) mantinha-se como olhar exterior, preenchendo muitas vezes função semelhante a de um dramaturgista. A esse propósito, Ana Pais (2010), estudiosa portuguesa sobre a diversidade de práticas dramaturgicas na atualidade, esclarece que, a partir dos anos 1980/90, a dança contemporânea começará a reclamar, para seu espaço de ensaio, a presença de dramaturgistas/colaboradores que serão figuras de alteridade, um “Outro”, favorecendo a configuração de um estimulante espaço de confronto entre diferentes.

Já na nova etapa de reprocessamento, nossas funções sofreram um deslocamento que tornou a relação ainda mais paritária: ambas passamos a interpretar, (re)criar, observar, selecionar e estruturar todos os materiais em cena. Em razão das novas necessidades, a “presença da alteridade” expandiu seus contornos. Outros colaboradores foram chamados a compartilhar seus modos de perceber e sentir a cena, a colocar perguntas sobre o seu funcionamento, a confrontar seus pontos de vista sobre as escolhas por nós efetuadas, tornando-se cúmplices diretos da construção de relações de sentido da escrita cênica (PAIS, 2010).

A pesquisa de campo foi estratégia dedicada à investigação dos espaços informais (as zonas de distâncias pessoais e sociais compiladas por Hall) e aconteceu em lugares específicos do centro da cidade de São Paulo. Sem intenção de interferir no espaço urbano, as visitas reverteram em elemento efetivo de coleta de material criativo e, talvez o mais importante, configuraram-se como mecanismo de captura e anexação de experiências reais (situações, corporalidades, gestuais, temporalidades, circunstâncias) ao processo da criação, buscando usar a linguagem da cena para expor a memória de um corpo coletivo, formado pela sobreposição de muitas vozes.

Paola B. Jacques (2013, p. 14) lembra-nos que “o próprio corpo pode ser compreendido como um tipo de cartografia da experiência urbana”. Os enfrentamentos com a cidade tornaram-se, assim, não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento de relações e processos subjacentes à ocupação humana dos espaços.

Como mobilizadores de percepções corporais mais complexas, fizeram emergir narrativas pessoais construídas entre a aparente simplicidade gestual das situações cotidianas e a profundidade corporal singular de cada artista. Em conexão com a pesquisa dramática, as errâncias pela cidade despertaram também um maior interesse pela ocupação de espaços extra-cênicos, que pudessem favorecer novas dinâmicas relacionais com o público e a interpenetração entre instâncias do real e ficcional.

Dentre as modalidades de prática de ensaio e composição cênica, a improvisação interveio como elemento indispensável para a produção e amadurecimento de repertório poético-corporal e como ferramenta compositiva. Em etapa recente, o recurso da improvisação foi pensado também como “performance” (organização instantânea e imprevisível de materiais dentro do próprio acontecimento cênico). Oferecemo-nos efetivamente a uma presença em cena mais próxima “do estar em permanente vir a ser” (FABIÃO, 2010, p. 323), atuando num intervalo de potência criativa onde a dança, em resposta aos desafios do instante, pode renovar seus limites e criar possibilidades impensadas de expressividade.

A intenção de privilegiar a vivência no processo, desviando do foco de atenção a cristalização de uma escritura coreográfica, provocou uma mutação de nosso comportamento investigativo. Como premissa maior, optamos por instalar um estado constante de experimentação, seja durante o ato de compor ou nos momentos de apresentação cênica. Essa medida, aliada ao nosso interesse comum por atravessar situações criativas de maior risco, sujeitou a criação a um tempo lento e intensificador, de espessura expansiva (por vezes até mesmo angustiante). A pesquisa foi sendo conduzida não por metas fixadas a priori, mas pela entrega alerta e sensível à escuta do acontecimento corporal e dramático, em busca da emergência de estruturas renovadas de significação.

Outro propósito foi conquistar maior maleabilidade na exploração dos elementos participantes da cena – movimento, palavra, som, objetos, figurino, luz, etc. – e na fricção desses materiais com outros procedimentos criativos, fazendo-nos imergir em experiências de maior multiplicidade e densidade investigativa. Estendemos nossa disponibilidade corporal, ora levando a pesquisa de qualidades de movimento a limites extremos (explorando dinâmicas expressivas extra-cotidianas), ora tensionando as fronteiras relacionais entre nós, a fim de testar modos mais imbricados de interação compositiva. O “fazer com” ou “fazer igual”, por exemplo, foi um modo de dançar bastante explorado, que se deu não pela via da relação mimética especular, mas pela

propagação de energia de um corpo a outro (GIL, 2004). Resultou na estruturação de matrizes de movimentos similares desenvolvidas por meio do contato recíproco entre nossas espacialidades.

Da mesma forma, o espaço cênico foi foco de novas investigações e modelagens. A primeira construção coreográfica, que ocupou uma galeria de trinta metros de comprimento e pé direito alto, propôs uma elasticidade ampla no jogo de distâncias entre as interpretes e destas com o público (alocado apenas em um dos extremos da “nave” para assistir ao espetáculo). Em contraponto, no reprocessamento, a perspectiva espacial de proximidade foi atomizada. O enquadramento geográfico da cena diminuiu para uma sala de seis metros quadrados circundada por espectadores. A proximidade, ao permitir maior permeabilidade entre plateia e artistas, reconfigurou modos de percepção e favoreceu intercâmbios micro-sensíveis, reclamando uma postura mais produtiva por parte da audiência.

Todas essas testagens, acrescidas ainda de experimentações realizadas com textos falados e diversos dispositivos para emissão da trilha sonora (tocada por intermédio de celulares, ipods, mini-caixas de som portáteis, headphones etc.), compuseram um processo contínuo de pesquisa e análise, contaminado por tensões e contra-tensões necessárias à conquista de integralidade na estruturação da cena.

Em síntese, passou a interessar, no processo de rearticulação, habitar o percurso criativo de maneira mais versátil e dinâmica, suscitando, em igual medida, a entrega a um tempo consistente do aprofundamento. Assim, evitamos fixar datas para a estreia de uma produção finalizada, que pudesse vir a cercear o amadurecimento da experiência, e propusemo-nos a apresentar o trabalho em diferentes estágios de pesquisa, ensaiando ordenações finais por meio de sucessivas aproximações. Em empatia com o pensamento de Louppe (2012), ao argumentar sobre os critérios de produção da dança contemporânea, procuramos deixar emergir uma “ortodoxia” compositiva mais própria, criada pela maior liberdade na organização interna da sintaxe coreográfica.

Gestado inicialmente fora do ambiente acadêmico, o projeto de criação não apenas encontrou neste um lugar privilegiado para manter-se em estado de investigação, mas ensejou que cada uma de nós reencontrasse e repotencializasse suas próprias pesquisas. Uma que trata da expressividade cênica na dança pelo fluxo percepção/ação, indagando sobre a plasticidade corporal do artista contemporâneo (de Marisa Lambert). A outra que se dá em torno dos conceitos de teatralidade e performatividade, investigados em suas possíveis relações com a cena coreográfica contemporânea (de Silvia Geraldi). Da fricção de nossas pesquisas, surgiu um grupo permanente de estudo

que, embora ainda em estado germinativo, vem acolhendo também os trabalhos de nossos orientandos e se configurando como território híbrido de testagens e compartilhamentos artísticos/teóricos.

Notas:

(1) “Ensaio sobre as pequenas distâncias” foi um projeto contemplado pelo Programa Municipal de Fomento à Dança da cidade de São Paulo/2012. Estreou em outubro de 2013 e manteve-se em temporada de quatro semanas na Oficina Cultural Oswald de Andrade (São Paulo/SP).

Referências Bibliográficas:

FABIÃO, Eleonora. Corpo Cênico, Estado Cênico. Revista Contrapontos - Eletrônica, vol. 10 – nº 3, p. 321-326 / set-dez 2010.

GIL, José. Movimento total : O corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2004.

HALL, Edward T. A dimensão oculta. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. Experiências metodológicas para apreensão da cidade contemporânea. Redobra, n.12, ano 4, 2013.

LOUPPE, Laurence. Poética da dança contemporânea. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

MCHOSE, Caryn. Phenomenological Space: I'm in the space and the space is in me. Interview with Hubert Godard. Contact Quarterly, Northampton, v.31, p. 32-38, Summer/Fall 2006.

PAIS, Ana. “O crime compensa ou o poder da dramaturgia”. In: SIGRID, Nora (Org.). Temas para a dança brasileira. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.